

## **(Auto)biografias de emigrantes açorianos: viagens dentro de viagens**

Carmen M. Ramos Villar  
University of Bristol, Great Britain.

Esta comunicação examinará os diferentes e emergentes conceitos de identidade em autobiografias escritas por açorianos que emigraram ou viajaram para os EUA. Para este fim, fará-se uma comparação entre *Never backward*, a autobiografia de Lawrence Oliver, e *Hard knocks: an azorean-american odyssey*, a autobiografia de Francisco Cota Fagundes. Cada uma delas examina a identidade açoriana, e a do emigrante açoriano, de uma maneira específica, apresentando a emigração como tema central que atua como uma viagem dentro da viagem da narrativa. Oliver e Fagundes formam parte de duas correntes migratórias diferentes, o que é refletido nas narrativas.

Antes de começar a análise, é pertinente indicar que esta comunicação faz parte de um trabalho mais amplo. Por isso, e por razões de tempo e espaço, as idéias expostas nela não poderão ser desenvolvidas completamente, ficando excluída, por consequência, uma análise detalhada de outras obras que a completariam, tais como estudos biográficos das comunidades portuguesas dos EUA ou jornais de viagem. Por exemplo temos *Portuguese spinner: an american story*, um estudo biográfico sobre a comunidade portuguesa da Nova Inglaterra que mostra a comunidade portuguesa desta região americana como uma parte integrante da identidade americana composta por um conjunto de emigrantes que a completam. Também poderíamos considerar *Stories grandma never told*, o estudo de Sue Fagalde Lick sobre as mulheres portuguesas na Califórnia, como uma tentativa da terceira geração de recuperar parte da sua identidade. Este estudo é completado no romance *Azorean dreams* da mesma autora, que poderia considerar-se como autobiográfico, já que nele Fagalde Lick constrói e explica o processo de (re)apropriação de parte da sua identidade ao escrever *Stories grandma never told*. Também se poderia considerar o jornal de viagem de Dias de Melo, intitulado *Das velas de lona às asas de alumínio*, que trata das impressões da sua viagem aos EUA para promover o lançamento da edição em inglês do seu romance *Pedras negras*. Nele o autor faz uma peregrinação que segue a viagem feita por muitos outros açorianos, inclusive o seu pai, para compreender parte da sua identidade e da sociedade açoriana.

O tema da viagem na literatura açoriana apresenta-se como um processo externo e interno que causa uma evolução, avaliação e desenvolvimento da identidade na personagem, o que acontece a partir de uma mudança externa, física, ou mental provocada pela experiência da emigração ou de um deslocamento do ambiente familiar. Nas suas autobiografias, tanto Oliver como Fagundes embarcam numa viagem mental em que avaliam a sua vida depois de emigrar para os EUA, a sua viagem externa. A autobiografia do empresário Lawrence Oliver começa no momento em que ele emigra da sua ilha natal, Pico, para os EUA, em 1903, quando tinha apenas 13 anos e narra os diversos trabalhos que fez na comunidade portuguesa da Califórnia, que lhe possibilitaram ser uma pessoa muito prestigiada em San Diego, tanto na comunidade portuguesa como na americana. Pelo contrário, a autobiografia de Francisco Cota Fagundes começa desde seu o nascimento na sua ilha natal, Terceira, e continua relatando a forma como as experiências depois de emigrar o levaram de ilhéu a emigrante, a trabalhador numa granja na Califórnia e depois a operário e estudante, até finalmente chegar a professor universitário.

Para Oliver, a viagem mental tenta justificar as ações da sua vida desde o momento em que emigrou, pobre e sem meios, até ao momento em que escreve a sua autobiografia; nessa altura, já um empresário rico. Para Fagundes, a viagem mental é mais bem uma tentativa de explicar ao seu filho e aos leitores, as experiências que lhe moldaram o carácter e que o levaram até onde chegou no momento em que completa o relato.

Tanto a narrativa de Oliver como a de Fagundes atuam como uma confissão ao leitor que justifica o porquê de eles emigrarem, o seu comportamento antes e depois de emigrar e, no momento em que escrevem, a reflexão de como eles chegaram ao êxito. Segundo Mike Hepworth e Bryan Turner, a confissão é um documento autobiográfico que resolve uma crise psicológica na qual o autor examina a sua vida, “confessando” o seu passado e pedindo para ser readmitido, ou reconhecido, na sociedade por aquilo que ele é como resultado das suas ações. <sup>[1]</sup> Tanto Oliver como Fagundes examinam as suas decisões e as conseqüências destas para justificar como eles chegaram a ser o que são no momento em que escrevem com a finalidade de serem reconhecidos pelo seu esforço e admitidos tanto como membros da sociedade açoriana, como americana e/ou luso-americana. Ambos autores assinalam que o seu texto pode servir de exemplo para o leitor, refletindo a interpretação do crítico James Olney que vê a intenção do autor de um texto

autobiográfico como alguém que quer apresentar uma construção de um “eu” exemplar para o leitor. <sup>[2]</sup> A questão de quem pode servir-se do exemplo expresso no texto depende muito do leitor e da sua interpretação. Nancy T. Baden sublinhou que a intenção de Oliver poderia ser de servir de exemplo, a seguir ou explicativo, tanto para um leitor americano como a um luso-americano.

<sup>[3]</sup> Eu iria mais além. Diane Bjorklund vê na autobiografia uma interpretação de um “eu” que é socialmente e culturalmente construído. <sup>[4]</sup> Tendo isto em conta, as narrativas de Oliver e Fagundes podem ser vistas como documentos sociais que apresentam a evolução da identidade açoriana, e que examinam o lugar que os emigrantes ocupam, não só na sociedade de origem, como também na sociedade que os acolhe.

As confissões de Oliver e Fagundes vão além de explicar o seu êxito; elas são também um apelo para que o leitor compreenda os motivos por detrás das ações das suas vidas, e os aceite pelo que eles são, ou pela forma como eles evoluíram, como conseqüência de terem emigrado. Aqui, a narrativa de Fagundes tem mais elementos de confissão do que a de Oliver, que se expõe como uma confissão incompleta ao escolher só os momentos positivos da sua vida para construir a sua identidade. A narrativa de Oliver apresenta lacunas que fazem questionar o texto como uma análise honesta da sua vida. Pelo contrário, a narrativa de Fagundes opta, desde o início, por uma narrativa cronológica, na qual há um encadeamento que admite todos os seus defeitos e virtudes, e as causas e conseqüências decorrentes deles. Ao pôr ordem na sua vida por meio da narrativa, Fagundes pede a aceitação e o reconhecimento da sociedade, pelo que ele é e fez até o momento de completar o texto, independentemente dos seus erros assumidos no texto. O “eu” de Fagundes é o conjunto de todas as suas experiências, positivas e negativas. Isto não quer dizer que o “eu” de Fagundes seja mais completo do que o de Oliver. Os espaços no texto autobiográfico, para o crítico Philippe Lejeune, fazem parte de uma construção de identidade feita através de uma narrativa retrospectiva na qual pode haver espaços que são preenchidos pela interpretação do

leitor ao ler o texto. <sup>[5]</sup> Segundo Richard Holmes, esta interpretação é feita a partir de uma reflexão subjetiva e mental que nem sempre é fiável já que a verdade exposta é uma verdade adaptada à mensagem final do texto, consciente ou inconscientemente, da parte do autor. <sup>[6]</sup> Toda

a narrativa autobiográfica baseia-se numa reconstrução memorial e é necessariamente seletiva e subjetiva, e a perspectiva pode mudar com a passagem do tempo.

Tanto Oliver como Fagundes utilizam o texto autobiográfico para emigrar mentalmente ao passado e tentar impor ordem nos eventos das suas vidas para encontrar, ou construir um “eu”, depois da experiência migratória, que resolva a crise de identidade que começou no momento da emigração. Mas este “eu” construído no texto autobiográfico, segundo o crítico Jerome Hamilton Buckley, é um “eu” que evolui com a narrativa na sua viagem de descoberta, resolvendo a crise

de identidade no fim do texto. <sup>[7]</sup> Para James Olney, este “eu” fica completo só no momento em que o texto é escrito, mas a sua construção é temporal e sujeita a um processo de evolução

constante e fluída. <sup>[8]</sup> Desta forma, o “eu” de Oliver e Fagundes estão sujeitos à sua interpretação, e à interpretação do leitor, que pode concordar ou não com o autor.

Na minha opinião, o momento de crise na escrita de Oliver é o desejo de explicar o orgulho, identificado como o tema central desta autobiografia por José I. Suarez, de ser português

e americano ao mesmo tempo. <sup>[9]</sup> Oliver identifica-se com duas identidades conflituosas que desempenham um papel decisivo na construção da sua identidade através do texto, originado no momento em que emigra: ele é Lawrence Oliver, o americano de San Diego, e Lourenço Oliveira, o emigrante açoriano. O mesmo pode ser dito da narrativa de Fagundes: como açorianos, eles emigraram como tantos outros e viram por si mesmos a ilusão utópica da emigração que esconde uma outra realidade na qual o sucesso, quando se realiza, só acontece depois de muito trabalho e determinação. Como americanos, eles seguiram o “American Dream”, concretizando os seus sonhos e fazendo parte de uma sociedade de emigrantes que ajuda à construção do ideal americano do “American Dream”. Tal como Oliver, Fagundes sente o peso da ilha, e do passado na sua vida, mas, ao voltar, ele percebe que já não faz parte dessa realidade. Tudo isto acontece dentro de uma sociedade composta por comunidades ou grupos de emigrantes, portugueses ou não, que faz com que eles não cheguem a identificar-se completamente como açorianos ou como americanos, mas que fazem parte de uma terceira identidade, a luso-americana. Esta última pertence às outras duas e ao mesmo tempo é diferente e separada delas.

Fagundes explica o seu “eu” a partir de uma experiência vivencial apresentada como parte da experiência partilhada por muitos outros emigrantes açorianos nos EUA, universalizando a sua experiência e a sua auto-imagem fluida, que lhe permite fazer parte de uma comunidade específica e, ao mesmo tempo, ser um indivíduo diferente do resto da comunidade. <sup>[10]</sup> A universalização feita por Fagundes também faz parte de um desejo de partilhar e de ser compreendido por aquilo que ele fez e o que ele é. O texto é uma série de viagens concêntricas: uma viagem mental ao passado que examina a viagem da sua vida, e com origem em outra viagem, a emigração. Indo mais além, se vocês me permitem, o autor como guia viaja com o leitor pela sua vida, levando o leitor pela mão. Mas nesta viagem o leitor pode interpretar (viajar) por outro caminho diferente daquele que Fagundes tencionava. O mesmo pode ser dito da autobiografia de Oliver em que a identidade fluida e híbrida, exposta na narrativa, negocia um nível de interpretação que muda, dependendo do ponto de vista do autor e do leitor.

A identidade exposta nestas duas autobiografias é quase utópica, tanto pela sua multiplicidade, como pela sua fluidez. No momento em que o autor enuncia um “eu” completo no fim do texto, este transforma-se na perseguição de uma utopia. O texto, ao construir e evoluir a imagem do “eu” do autor, tanto na perspectiva do autor como do leitor, faz com que nunca se possa chegar a uma identidade concreta do emigrante açoriano. A emigração começa esta viagem atrás de uma utopia que procura resolver a crise de pertencer a três sociedades e de não ser parte de nenhuma. O texto autobiográfico passa a ser um exercício que põe ordem na vida do autor depois de emigrar, mas que nunca pode chegar a uma conclusão devido à fluidez e hibridez da construção da sua identidade, condenando o emigrante a ser um viajante eterno, isolando-se da sociedade originária e da nova sociedade, formando assim uma espécie de ilha social que ecoa a ilha deixada no momento de emigrar. O peso da ilha e do passado, condicionantes fulcrais da identidade do açoriano, fazem com que o emigrante busque uma ilha substituta a qual ele possa pertencer, mas esta viagem-procura é utópica.

---

[1] HEPWORTH, Mike and TURNER, Bryan S. *Confession, studies in deviance and religion*. London & Melbourne: Routledge and Kegan Paul Ltd., 1982. p. 8-13, 43-69, e 92.

[2] OLNEY, James. *Metaphors of the self. The Meaning of Autobiography*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1972. p.VII e X-XI.

- [3] BADEN, Nancy T. America, the promise and the reality: a look at two portuguese imigrant autobiographies. In: DIAS, Eduardo Mayone (ed.) *Portugueses na América do Norte*. 2. ed. East Providence, Rhode Island: Peregrinação Publishers, 1999. p. 177.
- [4] BJORKLUND, Diane. *Interpreting the self*. Two hundred years of american autobiography, Chicago & London: The University of Chicago Press, 1998. p. X
- [5] LEJEUNE, Philippe, *Le pacte autobiographique*. Paris: Editions du Seuil, 1975. p. 14-20, e 36-37.
- [6] HOLMES, Richard, Biography: inventing the Truth. In: BACHELOR, John (ed.), *The art of literary biography*. Oxford: Clarendon Press, 2000. p.17-18.
- [7] BUCKLEY, Jerome Hamilton. *The turning key, auotbiography and the subjective impulse since 1800*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1984, p. 39-40.
- [8] OLNEY, op. cit., p. 22-31.
- [9] SUAREZ, José I. The portuguese imigrant experience through its autobiographies. *Gávea-Brown*, Providence, Rhode Island, v. XII-XIV, p. 74, jan. 1991- dec. 1993.
- [10] A critica Julia Swindells explicou o desejo de universalizar o texto autobiográfico desta maneira: “Autobiography is now often the mode that people turn to when they want their voice to be heard, when they speak for themselves, and sometimes politically for others. Autobiography now has the potential to be the text of the oppressed and culturally displaced, forging a right to speech both far and beyond the individual”, para uma discussão mais detalhada veja-se Swindells, Julia, “Introduction”. In: SWINDELLS, Julia (ed.), *The uses of autobiography*. London: Taylor and Francis Ltd., 1995. p.7.